

## DRAMA ANTIGO

ABRAHAM SAMUEL SCHEINOWITZ, SOCIÓLOGO, DIPLOMADO PELA  
UNIVERSITÉ DE PARIS E PELA  
ÉCOLE DES HAUTES ÉTUDES DE  
PARIS

Uma das ciências humanas está em plena expansão; queremos falar da psicossociologia.

A partir do Curso de Sociologia positiva lecionado por Augusto Comte, a sociologia tinha assumido uma atitude de verdadeiro imperialismo intelectual com relação à psicologia na qual ela não encontrava os requisitos fundamentais da ciência. Hoje em dia, esta discordância está ultrapassada e convém-se que nem a psicologia nem a sociologia são capazes de analisar e compreender por si só as condutas humanas.

Recorrer a uma delas só na interpretação da conduta equivaleria a estudar “esta última sem personificar os sujeitos” ou então “a estudar os sujeitos sem situar suficientemente suas condutas” nos diz Maisonneuve. Daí surge uma ciência onde os aspectos individual e coletivo, assim como o institucional e o mental, são colocados em pé de igualdade e intimamente interligados e cujo domínio será essencialmente o da interação.

Maisonneuve define a psicossociologia como uma “ciência dobradiça” cujo campo será ou da interação dos processos sociais e psicológicos no nível das condutas concretas, da interação das pessoas e dos grupos no quadro da vida quotidiana, da junção entre o estudo objetivo e o estudo do “sentido vivido” pelo agente em situação.

Para responder à necessidade de integrar os pontos de vista de duas ciências humanas, a psicossociologia teve que lhes tomar suas técnicas, refinando-as bastante como, por exemplo, na técnica da entrevista, mas essas não se mostraram suficientes e ela teve que inovar para analisar certos fenômenos. No caso da análise das comunicações, essas novas técnicas permitiram descobrir processos totalmente inesperados e, entre outras coisas, tomar consciência do impacto real dos mass-media nas populações.

Com efeito, acontece à imprensa, na maioria dos casos ingenuamente e de boa fé, lançar ou repercutir notícias totalmente fantasiosas ou que não correspondem aos fatos. Disto não se pode culpar os jornalistas, pois não escapam aos fenômenos psíquicos e sociais que sacodem a urbe e que se tornarão cada vez mais agudos à medida que as sociedades “se contraírem” pela concentração em espaços exíguos, caminhando assim

para uma estrutura espacial de megápolis, e pela ação da “implosão” provocada pelos meios de comunicação que modificam as noções de distância e de tempo. Entretanto, em vista das responsabilidades sociais das quais não podem fugir, parece-nos indispensável que as pessoas que escolheram a profissão da informação tomem consciência desses fenômenos e que tenhamos sempre em mente que a comunicação pode sofrer — e geralmente sofre — vários tipos de alterações.

Essas alterações são de dois tipos: o truncamento e a distorção.

O truncamento pode ser definido como o caso onde uma parte somente da mensagem que se tencionava comunicar foi realmente emitida, transmitida ou recebida. Várias razões podem impedir o emissor de exprimir a integralidade de seu pensamento e fazer com que a mensagem seja incompleta de partida. Com efeito, o nível intelectual, uma verbalização defeituosa, o pudor, a timidez, um tabu ou mesmo uma situação hierárquica podem impedi-lo de comunicar-se totalmente e como ele o desejaria. A esses processos que surgem no nível de cada agente de transmissão na cadeia da comunicação, podem acrescentar-se as ações, às vezes conjugadas, de uma aparelhagem de comunicação falha, de uma discussão confusa e conseqüentemente de uma superabundância de mensagens que se misturam ou se ocultam reciprocamente ou ainda de uma forte lateralidade da comunicação, situação que impede o diálogo e uma possível clarificação.

A distorção pode acontecer no nível do emissor ou do receptor. Tratando-se do emissor, ela pode ser proposital ou involuntária. Um indivíduo lançará conscientemente uma mensagem distorcida com a finalidade de manobrar o ouvinte ou o leitor. Em uma empresa ou escola, colegas motivados pela concorrência trocam informações distorcidas. À escala da sociedade inteira, a propaganda e a publicidade, de uma certa maneira, são os exemplos típicos. Procura-se, através da mensagem, reforçar ou modificar as opiniões e comportamentos resultantes dos receptores. Entretanto, pode-se afirmar que a maioria das distorções no nível do emissor são totalmente inconscientes, em geral tendo por origem a distração ou a incompreensão dos fatos ou dados comentados. No nível do receptor, a distorção é geralmente fruto da ação conjugada de processos psicológicos e sociológicos. Com efeito, para chegar a atribuir um sentido errado ou mesmo totalmente imaginário a uma mensagem, o receptor nela projeta inconscientemente sua própria visão das coisas, atitude que pode ter a dupla vantagem de tornar a mensagem “aceitável” e agradável, já que ela corresponde à esperança e a toda uma série de preconceitos, eles mesmos resultantes de um sistema referencial diferente. Notemos que, à medida que a estrutura da sociedade se diversifica e passa a apresentar grandes desníveis econômicos e educativos, os sistemas de referência dos diversos grupos podem se tornar concorrentes ou mesmo radicalmente opostos. Neste último caso, as distorções são sistemáticas e quando as comunicações chegam a ser impossíveis, os indivíduos ou os grupos recorrem a violência para impor suas opiniões. Além disto, a diversidade étnica de uma sociedade ainda complica a rede dos sistemas

referenciais e resulta muitas vezes em incompreensão e intolerância militante.

Quando a cadeia de comunicação é muito longa, pode aparecer um dos fenômenos mais fascinantes que a psicossociologia tenha estudado: o rumor (1). Piéron, no seu Vocabulário da psicologia define o rumor como "uma notícia incerta transmitida de boca a ouvido"; examinemos agora os porquês deste "incerto".

Inúmeras pesquisas conseguiram nos dar um quadro bastante claro do fenômeno.

O rumor parece ter duas funções básicas: aliviar um estado de alma ou uma impulsão primária ou então procurar disciplinar o meio ambiente e torná-lo compreensível, extraíndo assim o significativo do que é percebido como confuso.

O emissor (ou transmissor) através do rumor procura justificar suas tensões emocionais subjacentes e conseqüentemente livrar-se das restrições do super-ego. Essas tensões em lugar de explodir em conflitos encontram então no rumor uma válvula de escape permitindo assim o reequilíbrio provisório de uma alma transtornada seja pelas impulsões sexuais seja pelo ódio, pelo medo ou ansiedade, ou pelo desejo. Projetando-se pela confabulação, o indivíduo tenta dar um substrato racional a suas paixões. É também pelo meio da projeção que se procurará contornar a complicada realidade objetiva, simplificando-a e reduzindo-a a um mundo mais acessível. Neste caso, o indivíduo imaginará as causas de um acontecimento ou de uma determinada situação imprimindo neles sua percepção da sociedade e seu relacionamento ao mundo.

Não é de se admirar pois, que grande número de rumores reflitam as obsessões conscientes ou reprimidas da humanidade. É contra inúmeras obsessões perigosas para sua sobrevivência que as sociedades ergueram os tabus e os interditos, forçando seu recuo nos fundos da mente ou demonstrando sua perniciosidade por meio de uma mitologia castigadora. Mas, acontece que essas barreiras, por razões culturais ou simplesmente circunstanciais, se tornam fracas e deixam "escapar" a pressão.

Examinemos agora quatro histórias que tiveram bastante difusão em Salvador durante o ano de 1974 e que apresentam pela forma ou pelo conteúdo nítidas características do rumor.

1. Uma mulher de idade bastante avançada é bem conhecida em Salvador por ter o hábito de vestir roupas exóticas ou anacrônicas com uma vaga semelhança com o vestuário das freiras. Em geral, essa roupa é fortemente colorida, como aliás o rosto da dita pessoa que às vezes é coberto por uma maquiagem violenta e aparentemente sem nexos. É considerada pelos populares como louca.

---

(1) Preferimos a palavra rumor ao termo popular de "boato" que apresenta uma conotação de ação intencional quando o rumor pode ser perfeitamente um produto do inconsciente.

Foi dito que “a louca tinha sido estuprada por um grupo de transvidos e que ela tinha morrido em consequência do acontecimento.”

2. Contou-se sob diversas formas que “um pai de uma moça de uns quatorze anos teria sido atraído pela jovem amiga de sua filha em um apartamento e “agredido” pela menina que, para seu espanto, o teria recebido completamente despida. O dito senhor se submeteria atualmente a um tratamento psiquiátrico por estar angustiado pela possibilidade de sua filha ser capaz do mesmo comportamento.”

3. Contou-se que “um motorista de taxi tendo encontrado um menino atropelado o teria levado a uma clínica particular e que esta última teria se recusado a atendê-lo por razões administrativas e financeiras. Levado então ao Pronto Socorro público, o menino teria falecido durante o transporte. Chamado para reconhecer o corpo, o pai da vítima teria sido médico e teria constatado na hora que ele mesmo tinha recusado sua ajuda ao pequeno ferido. Diante disto, o pai teria enlouquecido.”

4. Contou-se que “muitas vezes, quando uma pessoa desaparece, é por ser um maçõn que teria traído um “segredo” do grupo...”

Constatamos que os temas das quatro histórias denotam ou a agressividade ou o medo ou o desejo e às vezes vários desses elementos combinados. Por outro lado, em volta das duas grandes obsessões da humanidade, a morte e o sexo, que constituem os eixos dos temas, organizam-se situações que são verdadeiros desafios à estrutura social e notadamente à célula familiar que é sua base. Reparemos igualmente que a loucura com suas implicações de sagrado aparece em três dos temas.

Na primeira história, mantêm-se relações sexuais forçadas com uma mulher de idade avançada que poderia representar a Mãe se não se soubesse que ela “era louca” e por conseguinte à margem da sociedade e dos seus mecanismos de reprodução, se a cultura não tivesse imprimido nas consciências que o “louco” é socialmente morto e partindo “intocável” e de certa maneira, sagrado. Aliás, as noções de sagrado e de intocável são reforçadas neste caso pelo simbolismo da roupa usada pela vítima e deixa bem claro que se trata de um desafio a um tabu. Negando a ordem social, a agressividade cristalizada aqui em sadismo sexual satisfaz — pelo menos verbalmente — o impulso niilista. Observemos que o dilema criado pela agressão do sagrado é finalmente resolvido pela morte purificadora que devolve à vítima seu halo, sem ter que reintegrá-la na sua antiga categoria.

Na segunda história, trata-se de uma confabulação nitidamente eletriana. A amiga da filha, que na verdade tem a mesma idade e subentendido as características físicas e de personalidade da dita faixa etária, poderia ser a própria filha e, na verdade, simboliza esta última. Essa nossa

opinião é confirmada pela segunda parte da história, onde a assimilação das duas meninas é quase total, já que o pai se submete a um tratamento psiquiátrico por ter projetado na sua filha o comportamento da pequena amiga. Observemos que o indivíduo escapa ao conflito pela loucura, refugiando-se desta maneira em uma categoria castigante e castradora. Mais uma vez, desejos reprimidos por serem perigosos para a estrutura familiar, tentaram uma “saída” no mundo da consciência.

Na terceira história, é igualmente a estrutura familiar que sofreu o impacto do ódio e que teve de sofrer o castigo dos deuses. Como no drama antigo e como na Bíblia, o filho é fulminado pelos erros e pecados do pai. Pior, o destino implacável usará o próprio pai para seus propósitos de “justiça” imanente. Pai, cujo papel social era de proteger sua progenitura e Médico, defensor dos fracos e inimigo da morte, ele falhou ao Dever e vendeu a alma ao Mal, tornando-se um impiedoso Príncipe da Morte que destrói seu próprio sangue. Para escapar ao conflito, a loucura apresenta-se novamente como refúgio.

Que esta história tenha ou não um início de fundamento, a velocidade de sua difusão e o prazer demonstrado pelos ouvintes não deixam dúvidas que ela descarrega a agressividade para com uma classe que tem sido acusada de explorar financeiramente uma situação de força. É claro que os preços exorbitantes cobrados por certos profissionais da saúde conjugados com uma situação de poucos recursos para a maioria da população geram um sentimento de impotência diante da morte e reforça a angústia básica. Além disto, este sentimento de impotência pode ter crescido ultimamente diante dos ataques conjugados de uma inflação em aceleração que diminui o poder aquisitivo e de um surto de meningite que focaliza novamente as atenções para os problemas de saúde.

Desta história, não podemos dizer que aconteceu ou não, embora de um ponto de vista matemático seja ínfima, mas não impossível, a probabilidade de uma tal coincidência se produzir e praticamente nula, quando se considere a probabilidade de uma série de elementos se organizarem em um acontecimento real, nove meses após terem sido utilizados em uma história publicada em um órgão da imprensa (no caso, a publicação espírita “Reformador” de janeiro de 1974). Por esta razão e por causa do seu conteúdo, temos tendência a considerar três origens possíveis para a história. Poderia se tratar de um tema imaginário ou reminescente de uma leitura, lançado por uma pessoa decidida a valorizar-se ou captar para si a atenção de um grupo em reunião social. Isto acontece muito com as pessoas sem brilho e cuja vida nunca traz a oportunidade de se distinguirem. Por um mecanismo de compensação, podem elas transmitir sistematicamente como reais suas confabulações. As crianças também inventam histórias fantásticas para chamar para si as atenções ou para tentar dar uma explicação ao que lhes parece confuso. A segunda possibilidade quanto à origem desta história seria que alguém tenha lido os fatos na publicação espírita, mas tenha negligenciado de ler ou não tenha bem entendido o parágrafo que avisava que a história “aconteceria no Além e fora “captada” por um medium”. Neste caso, teria bastado

uma pequena distração ou uma leitura “dinâmica” para que o leitor a transmitisse como real. Enfim, poderia ter acontecido realmente um acidente cujo relato teria sofrido uma série de transformações ao longo da cadeia oral de transmissão até ser moldado, conscientemente ou não, na história já lida ou num drama de conteúdo antigo como a própria humanidade civilizada. Com efeito, a experiência nos ensina que, ao contrário do tom geral da história que muda pouco, todos os elementos que a constituem podem sofrer transformações radicais ou mesmo ser substituídos para melhor encaixá-los no esquema do rumor. Por exemplo, poderia ter acontecido que um adulto não tenha sido atendido, por qualquer razão, por uma clínica ou por qualquer médico e tenha morrido durante seu transporte para o pronto socorro. O rumor poderia perfeitamente permutar os locais dos acontecimentos e fazer do adulto uma criança para que o “médico culposo” possa reconhecer nele um filho e por conseguinte ser castigado. Bastaria que a pessoa transportando o ferido tenha dito: “Batí no gabinete de Fulano e ninguém atendeu” para que um ouvido distraído entendesse: “o médico Fulano não me atendeu” e desencadeasse assim um rumor...

Antes de comentar o último rumor, gostaríamos de chamar a atenção sobre uma perspectiva psicológica que nos revela a análise das três primeiras histórias. Todas as três dão um lugar privilegiado ao desequilíbrio mental, à “loucura”. Todas as três se organizam e funcionam como se ao ser humano se oferecessem três categorias: a Vida, o Após-Vida e uma categoria intermediária, Vegetativa.

Aos mortos “sagrados” e “purificados” opõem-se os vivos, cujo motor é o sexo, “profano” e “impuro”. Na categoria intermediária se encontram os “loucos” que são verdadeiros mortos sociais e que conseqüentemente não devem participar do motor da vida (as relações sexuais), mas que recuperam o halo sagrado da morte por serem vivos sem realmente existir.

Mas voltemos à última história que tivemos a oportunidade de analisar. Dentro da tipologia do rumor, trata-se de um dos temas mais freqüentes e que ressurge regularmente. O medo diante da vida, a angústia básica, é compensado pela agressividade que procura um bode expiatório. E que bode expiatório melhor do que um grupo espiritual que na origem tinha muito da sociedade secreta e que hoje ainda, para os espíritos simples, é um grupo misterioso que possui tremendos poderes ocultos. Podemos afirmar, pois, que a agressividade alimenta-se aqui do poderoso desejo de explicação que está em todo ser humano. Por outro lado, sabe-se que, para que um rumor tenha uma boa propagação, é preciso que o assunto seja muito interessante e que ele seja bastante ambíguo para que provas ou testemunhos não possam infirmá-lo. Ora, na cultura popular, especialmente em uma cidade que sofreu o impacto massivo do êxodo rural, o mistério é tema predileto e nunca deixa de emocionar o público. Aliás, essa atitude está ressurgindo violentamente no Ocidente e demonstra o eterno fascínio do homem pelo irracional e pelo prazer que se pode obter através da pura emoção. Quanto à caracterís-

rica de ambigüidade, ela se encontra nos dois elementos principais: o tempo (muitas vezes) e a personagem central (uma pessoa).

Mas queremos aproveitar deste último rumor para demonstrar e desarmar o mecanismo de transformação que uma mensagem oral pode sofrer.

Numerosos estudos permitiram comprovar que o rumor nasce de três processos de desfiguração da mensagem. Com efeito, uma história, à medida que ela se transmite, pode perder um grande número de detalhes e tomar uma forma mais sintética que facilita a comunicação. Allport chegou à conclusão que setenta por cento dos detalhes são eliminados neste processo de nivelamento. Mas o nivelamento só pode ocorrer se o narrador dá mais importância a certos detalhes que atraem sua atenção e que ele acha mais importantes do que os elementos que serão eliminados; trata-se do processo de acentuação que é a recíproca do nivelamento. Enfim, sublinhemos que esses dois processos são submetidos ao que se chama a lei de assimilação: um acontecimento será, como já vimos, em parte ou inteiramente reorganizado para responder a certas motivações individuais ou coletivas.

Aplicando esses conceitos, descobrimos, através de entrevistas, que no rumor concernente aos maçons, houve o que a psicossociologia define como uma acentuação temporal, isto é, descrever acontecimentos do passado — ou possivelmente do passado — como fatos do presente. A acentuação temporal explica-se pelo fato que o que acontece agora e aqui implica mais as pessoas e capta mais seu interesse.

Examinemos agora as três versões sucessivas que um mesmo entrevistado nos deu da história.

1. *Dizem* que quando uma pessoa *desaparece* ... *são* os maçons que a *matam* porque ela traiu um segredo.
2. *Dizem* que quando uma pessoa *desaparecia* ... que *eram* os maçons que a *matavam* porque ela tinha traído um segredo.
3. *Contou-se* na reunião que *se dizia* outrora, quando alguém *desaparecia*, que *eram* os maçons que a tinham matado por ter traído um segredo.

Na primeira versão, os quatro verbos estão no indicativo presente. Tudo acontece em nossa época, hoje.

Na segunda versão, diz-se hoje que as coisas aconteciam outrora (verbos no imperfeito).

Na terceira versão, passa-se de uma realidade do passado ao que se dizia outrora, isto é, a confabulações do passado (dizia-se outrora).

Percorremos, pois, o caminho inverso do rumor pela técnica da entrevista e constatamos assim quais podem ser os papéis dos fenômenos lingüísticos e da memória na criação e na difusão de um rumor.

Decididamente, a verdade é muito difícil de se estabelecer... mas será que a Verdade existe?

## AN ANCIENT DRAMA

*After having defended the point of view of the necessary integration of sociology and psychology into a psychosociology capable of harmoniously studying the individual and collective aspects of certain human phenomena, the author leads us into the realm of predilection of the new science: communication. This one, he tells us, generally suffers several kinds of alterations for it can be deleted or deformed at any stage of the transmission chain. Rumor gives us the most perfect demonstration of these alterations which very often permit the adaptation of an interpreted reality to the impulses of the unconscious. That is what the author illustrates by means of his analyses of four rumors similar to the classic dramas, where problems as old as mankind shake the city of Salvador in 1974.*

## UN DRAME ANCIEN

*Après avoir défendu le point de vue de l'intégration nécessaire de la sociologie et de la psychologie en une psychosociologie capable d'étudier harmonieusement les aspects individuel et collectif de certains phénomènes humains, l'auteur nous introduit dans le domaine de prédilection de la nouvelle science: la communication. Celle-ci, nous dit-on, subit généralement plusieurs types d'altération car elle peut être tronquée ou déformée à un stade quelconque de la chaîne de transmission. La rumeur nous offre la démonstration la plus parfaite de ces altérations qui permettent très souvent l'adaptation d'un réel interprète aux pulsions de l'inconscient. C'est ce qu'illustre l'auteur dans son analyse de quatre rumeurs, véritables drames à l'antique où des problèmes vieux comme l'humanité secouent la ville de Salvador en 1974.*